



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 4, maio/2025 #52



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 4, maio/2025 #52

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 52ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Felipe Mafuz Nogueira, egresso da Universidade de Fortaleza, intitulado “As Carteiras De Investimento dos RPPS do Ceará”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!



OPINIÃO:

AS CARTEIRAS DE INVESTIMENTO DOS RPPS DO CEARÁ

Felipe Mafuz Nogueira *

Este artigo analisa os investimentos dos Regimes Próprios de Previdência Social (RPPS) dos municípios cearenses, com foco na composição das carteiras entre 2020 e 2024 e no desempenho dos anos de 2023 e 2024. A metodologia baseou-se em dados do Demonstrativo de Aplicações e Investimentos dos Recursos (DAIR), via sistema Comdinheiro, e da consultoria LEMA Economia & Finanças, além de revisão bibliográfica da legislação previdenciária.

Os RPPS do Ceará mantêm perfil majoritariamente conservador, com forte alocação em fundos de renda fixa e, indiretamente, em fundos e títulos públicos. Mais de 80% dos recursos permaneceram aplicados em instrumentos de renda fixa ao longo do período. Observou-se, contudo, um reposicionamento relevante nas carteiras: a participação de fundos atrelados ao CDI subiu de 5,6% (2020) para 23,2% (2024), impulsionada pela elevação da Selic de 2,0% para 12,25%. Também houve maior alocação em fundos de vértice e em títulos públicos adquiridos diretamente, em detrimento de ativos mais voláteis como IMA-B e renda fixa de gestão ativa.

Esse movimento indica alinhamento às metas atuariais e maior busca por previsibilidade. Com o avanço da Selic e a abertura da curva de juros, ativos como CDI e NTN-B tornaram-se mais atrativos, contribuindo para retornos reais superiores à meta. Os títulos adquiridos diretamente e marcados na curva ganharam espaço nas estratégias, por reduzir custos com taxa de administração e ampliar a previsibilidade dos resultados.

Outra mudança observada na diversificação das carteiras foi a inserção de ativos como títulos bancários e fundos de capital protegido. Ainda que tímida, essa diversificação reflete um avanço gradual na maturidade das gestões.

Em termos de desempenho, 2023 foi positivo: 96% dos RPPS analisados superaram a meta atuarial, favorecidos por inflação contida, início da queda dos juros e valorização de ativos mais voláteis. Em 2024, no entanto, o cenário mudou: deterioração fiscal, pressão inflacionária e aumento do risco soberano impactaram os resultados. Apenas 10% dos regimes atingiram a meta, com destaque positivo para fundos conservadores atrelados ao CDI e IRF-M 1.

A análise evidencia a forte correlação entre as carteiras e o ambiente macroeconômico. A instabilidade fiscal e as mudanças nos ciclos de juros e inflação impactam diretamente a rentabilidade dos RPPS, exigindo adaptações constantes por parte das gestões.

Conclui-se que a sustentabilidade dos RPPS cearenses exige governança técnica e estratégica, com foco em segurança, rentabilidade e liquidez. Este estudo contribui para a compreensão da dinâmica de gestão dos recursos previdenciários no Ceará e pode subsidiar políticas públicas voltadas à modernização e eficiência desses regimes.

* Graduado em Ciências Econômicas pela Unifor.

PANORAMA INTERNACIONAL

O cenário econômico global permanece desafiador, marcado por uma recuperação assimétrica entre países desenvolvidos e emergentes. As projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) entre 2024 e 2026 revelam um ritmo desigual de crescimento, influenciado por políticas monetárias restritivas, tensões geopolíticas, incertezas fiscais e uma queda generalizada nos investimentos.

Nos Estados Unidos, observa-se uma desaceleração progressiva da atividade econômica: após um crescimento de 2,8% em 2024, o país deve avançar apenas 1,4% em 2025 e 1,6% em 2026. A manutenção de juros elevados pelo Federal Reserve, como resposta ao combate inflacionário, tem impactado negativamente o consumo das famílias e o investimento privado.

A Zona do Euro apresenta um desempenho ainda mais frágil, com crescimento de 0,9% em 2024, e estimado de 0,7% em 2025 e 0,8% em 2026. O cenário reflete as dificuldades de convergência fiscal entre os países-membros, bem como os efeitos persistentes da crise energética e a exposição a choques externos.

O Japão, por sua vez, mantém uma trajetória de crescimento modesto: 0,2% em 2024, com projeção de leve aceleração para 0,7% em 2025 e 0,8% em 2026. O país tem investido em inovação, automação e energias limpas como estratégias para enfrentar o envelhecimento populacional e a escassez de mão de obra.

Entre os países emergentes, a China continua apresentando crescimento sólido, embora em desaceleração: 5,0% em 2024, 4,5% em 2025 e 4,0% em 2026. O desempenho tem sido afetado por problemas estruturais no setor imobiliário e pelo acirramento das tensões comerciais com os Estados Unidos. Apesar disso, o país segue apostando em setores estratégicos como inteligência artificial e transição energética.

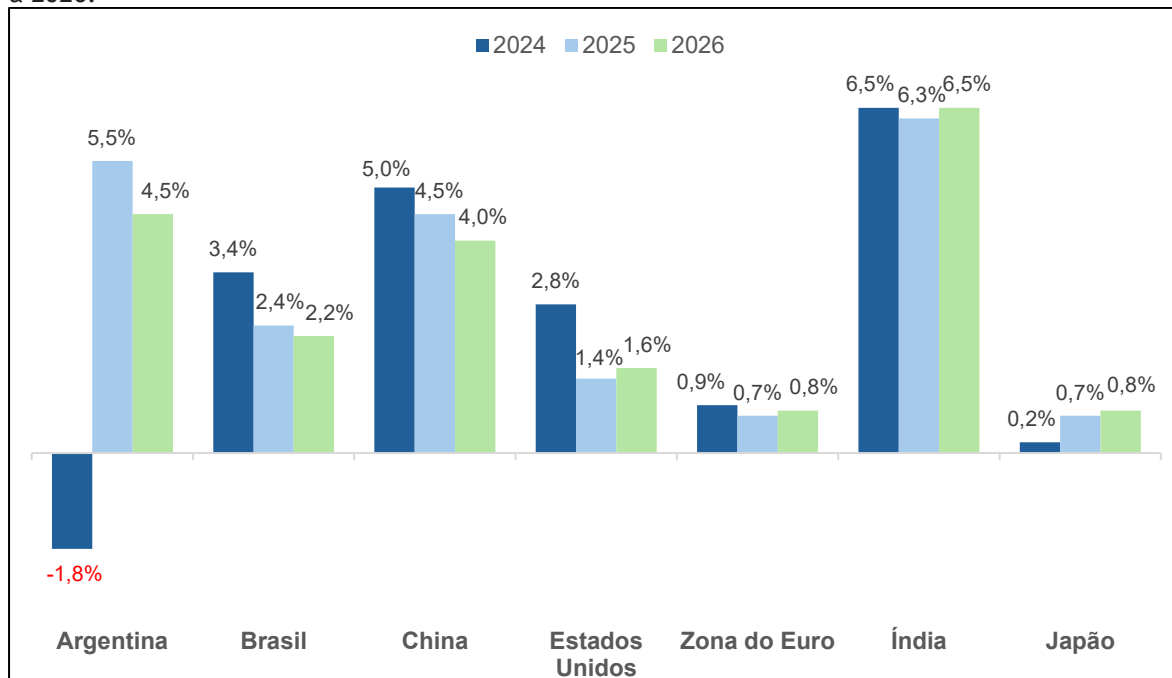
A Índia destaca-se como uma das economias mais dinâmicas do mundo, com crescimento robusto projetado para 6,5% em 2024, 6,3% em 2025 e 6,5% em 2026. A expansão tem sido impulsionada pela urbanização acelerada, investimentos em tecnologia e infraestrutura, e pelo fortalecimento do consumo interno, especialmente entre a crescente classe média.

Na América Latina, o desempenho é heterogêneo. A Argentina enfrentou uma contração significativa em 2024, com queda de -1,8% no PIB. No entanto, espera-se uma recuperação expressiva nos anos seguintes, com crescimento de 5,5% em 2025 e 4,5% em 2026, impulsionada por reformas estruturais, estabilização cambial e estímulo ao investimento produtivo. Ainda assim, a fragilidade fiscal e política permanece como risco relevante à sustentabilidade dessa retomada.

O Brasil cresceu 3,4% em 2024, sustentado principalmente pelos investimentos em infraestrutura, mercado de trabalho e renda em elevação, além das exportações de commodities. Contudo, as projeções indicam desaceleração, com taxas de 2,4% em 2025 e 2,2% em 2026. O desempenho futuro dependerá da consolidação fiscal e da evolução da demanda externa, especialmente em um ambiente global mais cauteloso.

Em síntese, a economia mundial segue em trajetória de recuperação, porém marcada por velocidades distintas entre países e regiões. Enquanto Índia e, em menor grau, China, mantêm dinamismo elevado, as economias desenvolvidas continuam enfrentando obstáculos importantes para retomar um crescimento mais vigoroso. O ambiente externo permanece incerto, e a trajetória do PIB global dependerá, em grande medida, da capacidade das nações de conciliar políticas de estímulo ao crescimento com a manutenção da estabilidade fiscal e monetária.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2024 a 2026.



Fonte: World Bank, Global Economic Prospects database - Atualizado em jun/2025.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma espécie de “prévia” do Produto Interno Bruto (PIB), é um dos principais indicadores para acompanhar, de forma mensal, a dinâmica da economia brasileira. Reunindo informações de setores como comércio, serviços, indústria e arrecadação tributária, o IBC-Br orienta tanto as decisões do Comitê de Política Monetária (Copom) quanto as estratégias de investimento no setor privado.

Entre março de 2024 e março de 2025, a economia brasileira acumulou crescimento de 4,17%, um desempenho acima das expectativas do mercado. Esse resultado reflete a resiliência da atividade econômica diante de um cenário de juros elevados e incertezas externas. Fatores como a recuperação da indústria de transformação, o fortalecimento do mercado de trabalho e a expansão dos serviços, com destaque para os segmentos de informação, comunicação e serviços profissionais, contribuíram para esse desempenho. O aumento da renda per capita e o crescimento do consumo das famílias também foram elementos decisivos para sustentar a atividade econômica ao longo do período.

Apesar dessa recuperação, o início de 2025 trouxe sinais de moderação, refletindo os impactos da manutenção da taxa Selic em patamar elevado - o maior em duas décadas -, além de pressões inflacionárias e incertezas no cenário internacional. Ainda assim, o risco de uma recessão no curto prazo é considerado baixo, com a economia brasileira mostrando capacidade de retomada em diversos setores.

No recorte regional, o Nordeste apresentou um crescimento acumulado de 4,03% nos 12 meses encerrados em março de 2025. Esse desempenho foi impulsionado principalmente pela agropecuária e pela indústria de transformação. Desde 2022, observa-se também um aumento consistente da renda média da população nordestina, o que tem contribuído para sustentar o consumo e a atividade econômica regional.

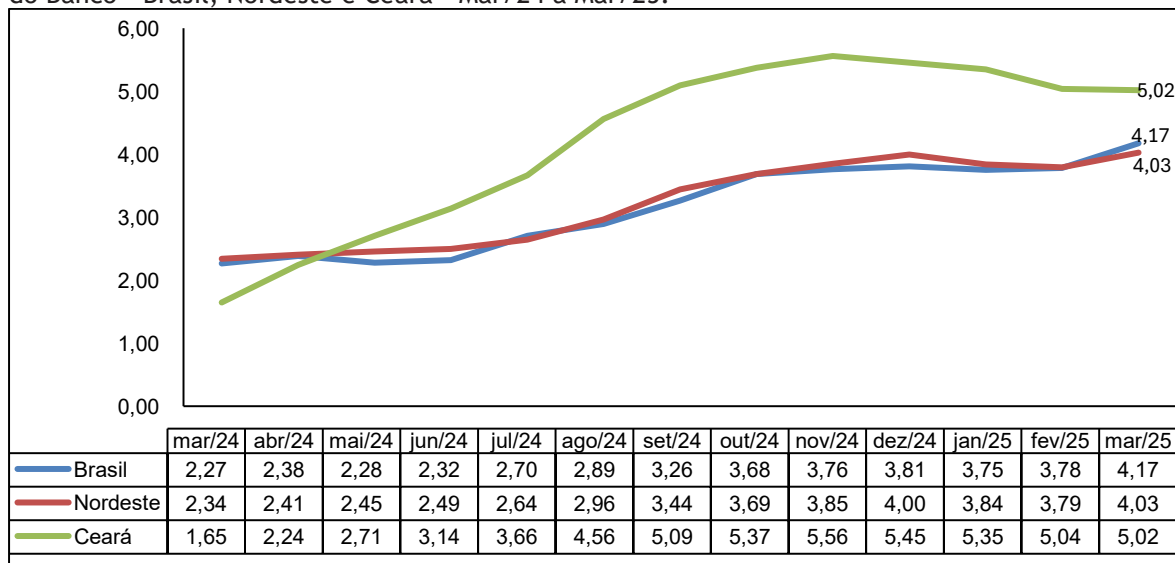
A trajetória do Nordeste ao longo do período foi caracterizada por maior estabilidade em comparação ao Brasil e, especialmente, ao Ceará. A região manteve um ritmo de crescimento constante, com poucas oscilações significativas, o que reforça a leitura de uma economia regional mais resiliente e menos suscetível a choques abruptos.

Dentro do contexto estadual, o Ceará foi o principal destaque em termos de desempenho. O estado registrou um crescimento acumulado de 5,02% até março de 2025, superando tanto a média nacional quanto a regional.

O ano de 2024 foi especialmente marcante para a economia cearense. Após iniciar o período com

um crescimento acumulado de apenas 1,65% em março, atrás das médias do Brasil (2,27%) e do Nordeste (2,34%), o estado iniciou uma trajetória de forte aceleração. Entre abril e novembro, o Ceará apresentou crescimentos consecutivos, atingindo um pico de 5,56% - o maior avanço dos últimos 14 anos, segundo estimativas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), que projeta um crescimento de 6,49% para o PIB estadual em 2024.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Mar/24 a Mar/25.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

O agronegócio consolida seu papel como força motriz da economia do país, sustentando tanto o mercado interno quanto as exportações. O setor agrícola brasileiro mantém-se como um dos principais pilares da economia nacional, com papel estratégico no abastecimento interno e na geração de divisas via exportações. Impulsionado por avanços tecnológicos, expansão da agroindústria e crescente demanda global, o agronegócio segue como motor importante do Produto Interno Bruto (PIB).

Para a safra 2024/2025, a produção nacional de grãos deve alcançar 332,9 milhões de toneladas, um aumento de 11,9% em relação à safra anterior, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Esse desempenho reflete o crescimento da produtividade média nacional, que deve atingir 4.074 kg/ha, além de uma expansão de 2,2% na área cultivada, somando 81,7 milhões de hectares. Fatores como clima favorável, maior mecanização e o uso de sementes de alto desempenho foram determinantes para esse resultado, com destaque para as culturas de soja, milho e trigo.

No Nordeste, a produção de grãos deve totalizar 30,1 milhões de toneladas, com crescimento de 7,8%. O avanço decorre do aumento de 4,2% na área plantada e da elevação de 3,5% na produtividade média, que deve chegar a 2.996 kg/ha. Bahia e Maranhão lideram a produção regional, respondendo juntos por mais de dois terços da safra nordestina. Os ganhos refletem a adoção de tecnologias adaptadas ao semiárido, como sistemas de irrigação de baixo custo e variedades de cultivares mais resistentes.

No Ceará, o desempenho da safra é de recuperação expressiva. Mesmo com uma redução de 3,8% na área cultivada, a produtividade deve aumentar 28,8%, passando de 606 kg/ha para 781 kg/ha. Com isso, a produção total de grãos no estado deve crescer 24%, alcançando 729,1 mil toneladas. A adoção de tecnologias de convivência com o semiárido, a expansão da irrigação e o fortalecimento da agricultura familiar foram decisivos para esse resultado.

Apesar do cenário positivo, os desafios para o setor agrícola permanecem. A imprevisibilidade climática e a necessidade de ampliar o acesso a crédito, tecnologia e infraestrutura hídrica exigem políticas públicas regionais. A busca por modelos produtivos mais sustentáveis e inclusivos será fundamental para manter o desempenho do setor nos próximos anos.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2023/24 e 2024/25 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
Ceará	969,5	933,1	-3,8	606,0	781,0	28,8	588,0	729,1	24,0
Nordeste	9.653,4	10.059,1	4,2	2.895,0	2.996,0	3,5	27.951,4	30.141,0	7,8
Brasil	79.939,2	81.725,3	2,2	3.722,0	4.074,0	9,5	297.497,8	332.916,2	11,9

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em maio de 2025.

O Setor da Indústria

O desempenho da indústria brasileira apresentou sinais moderados de recuperação até março de 2025. No acumulado de 12 meses, o setor industrial nacional cresceu 1,9% em comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo o IBGE. Alguns segmentos tiveram destaque positivo, como a fabricação de produtos têxteis (13,7%), máquinas e equipamentos (11,9%), veículos automotores, reboques e carrocerias (8,3%) e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (8,2%). Em contrapartida, houve queda significativa na fabricação de produtos do fumo (-9,1%).

No Nordeste, entretanto, o cenário foi mais desafiador. A indústria regional registrou uma retração de 4,2% no mesmo período. Apesar da queda geral, alguns segmentos apresentaram desempenho positivo. O destaque foi a fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias, com crescimento de 10,4%. Outros setores com expansão foram a fabricação de produtos têxteis (7,4%), de borracha e material plástico (5,7%) e de minerais não metálicos (3,8%). Por outro lado, a fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis teve forte queda de 14,9%, impactando negativamente o desempenho agregado da indústria nordestina.

No Ceará, o comportamento foi de maior estabilidade em comparação à média regional, com uma leve retração de 0,7% na indústria geral. O estado apresentou crescimento expressivo na fabricação de produtos químicos (50,5%), metalurgia (28,1%) e produtos têxteis (19,2%). Contudo, setores como máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-33,4%), vestuário (-20,8%), bebidas (-2,9%) e produtos derivados do petróleo (-25,2%) registraram queda.

O desempenho industrial cearense reflete um cenário misto: avanços importantes em setores estratégicos, mas também retrações em segmentos tradicionais. Isso evidencia a necessidade de diversificação da base produtiva e de investimentos em inovação e modernização tecnológica.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até março de 2025 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	2,5	-4,2	-0,7
Produtos alimentícios	0,8	-3,1	6,8
Bebidas	-3,8	-1,8	-2,9
Produtos do fumo	-9,1	-	-
Produtos têxteis	13,7	7,4	19,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	4,0	-14,0	-20,8
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	0,8	-1,6	1,3
Produtos de madeira	-3,7	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	-2,1	-3,6	-
Impressão e reprodução de gravações	-9,0	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,5	-14,9	-25,2
Outros produtos químicos	5,3	-1,8	50,5
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	7,9	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	2,0	5,7	-
Produtos de minerais não-metálicos	2,5	3,8	4,8
Metalurgia	4,8	-2,3	28,1
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	4,3	-3,1	0,2
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-2,9	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	7,4	-2,4	-33,4
Máquinas e equipamentos	11,9	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	8,3	10,4	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	1,2	-	-
Móveis	8,0	-	-
Produtos diversos	6,0	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	8,2	-	-
Indústrias extrativas	-0,9	-3,4	-
Indústria geral	1,9	-4,2	-0,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a março/2025 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

Até março de 2025, o setor de serviços no Brasil acumulou crescimento de 2,4% em comparação com o mesmo período de 2024, segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE.

O desempenho nacional foi impulsionado principalmente pelos Serviços de Informação e Comunicação, com alta de 6,7%, sustentada pelo crescimento expressivo nas atividades de Tecnologia da Informação (13,0%). Também se destacaram os Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares (1,9%), refletindo a retomada de projetos empresariais, e os Serviços Prestados às Famílias, que avançaram 1,5%, mesmo com os efeitos de inflação e juros elevados sobre o consumo. O segmento de Transportes

registrou variação positiva de 1,0%, puxado principalmente pelo transporte aéreo (16%) e aquaviário (4,4%), enquanto o transporte terrestre apresentou retração de 2,9%.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até março de 2025⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	1,5	3,7	-6,9	3,0
Serviços de alojamento e alimentação	2,1	-	-	-
Alojamento	0,8	-	-	-
Alimentação	2,5	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-2,0	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	6,7	4,3	0,1	0,1
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	7,4	-	-	-
Telecomunicações	2,4	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	13,0	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	0,9	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	1,9	2,9	-5,8	9,5
Serviços técnico-profissionais	0,7	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	2,7	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	0,9	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	3,3	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,0	5,7	4,5	-1,5
Transporte terrestre	-2,9	-	-	-
Rodoviário de cargas	-2,8	-	-	-
Rodoviário de passageiros	-4,4	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	-1,0	-	-	-
Transporte aquaviário	4,4	-	-	-
Transporte aéreo	16,0	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	4,5	-	-	-
Outros serviços	-1,8	15,4	1,9	13,0
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	3,9	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	-2,9	-	-	-
Atividades imobiliárias	1,1	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	-6,6	-	-	-
Total	2,4	5,0	-0,4	2,4

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a março/2025 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

No Nordeste, o desempenho foi heterogêneo entre os estados. A Bahia acompanhou a média nacional, com crescimento de 2,4%, impulsionado por Outros Serviços (13,0%) e pelos Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares (9,5%). Os Serviços Prestados às Famílias também tiveram resultado positivo (3,0%), mas o setor de Transportes recuou 1,5%, refletindo entraves logísticos

locais.

Pernambuco, por outro lado, registrou retração de 0,4% no acumulado até março de 2025. As principais quedas ocorreram nos Serviços Prestados às Famílias (-6,9%) e nos Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares (-5,8%), indicando menor demanda por lazer, alimentação e atividades empresariais. Apesar disso, houve crescimento de 4,5% no segmento de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, sinalizando alguma recuperação em áreas ligadas à logística.

No Ceará, o setor de serviços apresentou o melhor desempenho entre os estados nordestinos, com alta de 5,0%. O crescimento foi sustentado por Outros Serviços (15,4%), que englobam atividades pessoais, financeiras e de utilidade pública, além do avanço nos Transportes (5,7%), nos Serviços Prestados às Famílias (3,7%) e em Informação e Comunicação (4,3%). Esses resultados refletem tanto a retomada do consumo interno quanto investimentos em infraestrutura e digitalização no estado.

A Atividade do Comércio

No início de 2025, o comércio varejista brasileiro manteve sua trajetória de crescimento, impulsionado pela recuperação gradual do consumo das famílias. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, o volume de vendas do varejo restrito cresceu 1,2% no acumulado de janeiro a março, enquanto o varejo ampliado registrou alta de 1,1%. Esse desempenho foi sustentado por fatores como aumento da renda disponível, redução do desemprego e expansão do crédito.

No recorte regional, o Nordeste novamente apresentou desempenho superior à média nacional. No varejo restrito, o Ceará liderou entre os estados analisados, com crescimento de 3,5%, seguido por Pernambuco (1,0%). A Bahia, por sua vez, registrou ligeira retração de 0,5%. No comércio varejista ampliado, o Ceará também se destacou com alta de 5,8%, enquanto Pernambuco avançou 0,7% e a Bahia apresentou queda de 2,5%.

Entre os segmentos com melhor desempenho no varejo restrito, destacaram-se os artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos. O Ceará apresentou crescimento de 10,1% nessa categoria, superando a média nacional de 3,6%. A Bahia também registrou resultado expressivo, com alta de 9,1%. Outro destaque foi o segmento de livros, jornais, revistas e papelaria, que cresceu 18,3% no Ceará, contrastando com a queda de 16,2% na Bahia e o crescimento de 4,2% em Pernambuco.

No varejo ampliado, os setores de veículos, motocicletas, partes e peças, e de material de construção foram os principais motores de crescimento. A Bahia apresentou forte alta de 17,3% nas vendas do setor automotivo, seguida por Ceará (4,9%). No segmento de material de construção, o Ceará liderou com avanço de 19,3%, enquanto Pernambuco registrou alta de 4,8% e a Bahia teve retração de 2,3%.

Apesar dos resultados positivos, alguns segmentos ainda enfrentaram dificuldades. Na Bahia, o comércio atacadista especializado em alimentos, bebidas e fumo apresentou queda de 26,8%, refletindo possíveis desafios logísticos, de abastecimento e de preços.

De modo geral, o comércio nos estados nordestinos mostrou forte capacidade de adaptação e retomada. O Ceará se consolidou como o principal destaque regional, refletindo não apenas a recuperação da demanda, mas também o investimento do varejo local em estratégias de digitalização, diversificação de produtos e atendimento a novos perfis de consumidores.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até março de 2025⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,2	3,5	1,0	-0,5
Combustíveis e lubrificantes	0,9	8,6	-4,8	0,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,3	0,1	0,7	-1,9
Hipermercados e supermercados	0,7	0,4	0,8	-1,8
Tecidos, vestuário e calçados	4,0	8,3	0,6	0,8
Móveis e eletrodomésticos	5,8	3,1	12,0	1,1
Móveis	-1,1	9,4	8,3	-2,6
Eletrodomésticos	7,7	0,4	13,2	4,9
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,6	10,1	-0,6	9,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-3,7	18,3	4,2	-16,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-1,5	-1,1	-8,9	-20,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	0,1	6,2	4,3	-5,4
Comércio varejista ampliado	1,1	5,8	0,7	-2,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	5,3	4,9	-3,0	17,3
Material de construção	6,3	19,3	4,8	-2,3
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-6,8	8,2	4,2	-26,8

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2025 a março/2025 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Em abril de 2025, o mercado de trabalho formal brasileiro manteve a trajetória de crescimento. Segundo o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo CAGED), foram criadas 257.528 vagas líquidas de emprego, resultado de 2.282.187 admissões e 2.024.659 desligamentos. Esse saldo representa uma aceleração significativa em relação ao mês anterior, quando haviam sido geradas aproximadamente 79 mil vagas.

Com esse desempenho, o total de empregos formais acumulados no ano chega a 922 mil novas vagas, evidenciando a resiliência do mercado de trabalho diante de um cenário macroeconômico desafiador, marcado por juros elevados. O setor de serviços e a indústria continuam sendo os principais responsáveis pela geração de empregos.

O resultado nacional reforça a percepção de que o mercado de trabalho segue aquecido, o que representa um desafio adicional para o Banco Central, que esperava uma desaceleração no emprego como instrumento de apoio ao controle da inflação. Esse contexto aumenta a possibilidade de juros elevados por um período mais prolongado. Por outro lado, o governo celebra os indicadores de emprego, que apontam para a menor taxa de desemprego da última década.

No Nordeste, o mercado também apresentou desempenho positivo, com a criação de 45.600 vagas formais em abril, o que representa uma variação de 0,57% em relação ao estoque de empregos do mês anterior, resultado levemente superior à média nacional. Os estados de Piauí (0,88%) e Sergipe (0,83%) lideraram o crescimento regional, impulsionados por setores tradicionais e por uma recuperação gradual em áreas que haviam sofrido retração no mês anterior.

No Ceará, o mercado de trabalho formal também registrou recuperação após o saldo negativo observado em março. Em abril, o estado criou 9.221 novos postos de trabalho, resultado de 56 mil admissões e 46.931 desligamentos, o que corresponde a um crescimento de 0,65% no estoque de empregos formais. No acumulado do ano, o estado apresenta avanço de 0,91%, ocupando a quarta melhor posição entre os estados do Nordeste.

Embora o cenário geral seja positivo, as perspectivas para os próximos meses dependem da evolução de variáveis macroeconômicas como a política de juros, o comportamento da inflação e o desempenho da economia internacional. A continuidade da geração de empregos exigirá políticas

públicas que estimulem a produtividade, ampliem o acesso ao crédito e invistam na qualificação da força de trabalho.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - abril/2024 a abril/2025 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Saldo.	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Saldo.	Var.%	Adm.	Deslig.	Saldo.	Var.%
abr-24	2.283,6	2.043,7	239,9	0,52	293,8	269,7	24,1	0,31	51,0	45,4	5,6	0,41
mai-24	2.142,4	2.003,0	139,4	0,30	290,5	256,2	34,4	0,45	52,9	45,8	7,2	0,52
jun-24	2.092,1	1.885,9	206,2	0,44	287,4	238,7	48,7	0,63	53,3	45,8	7,5	0,54
jul-24	2.206,2	2.014,9	191,4	0,41	304,7	264,1	40,6	0,52	55,3	51,9	3,4	0,24
ago-24	2.254,0	2.014,6	239,3	0,51	336,6	261,3	75,3	0,97	58,9	48,6	10,3	0,74
set-24	2.183,2	1.930,6	252,7	0,53	323,3	244,2	79,1	1,00	55,4	45,8	9,7	0,69
out-24	2.236,2	2.103,8	132,4	0,28	298,1	278,9	19,1	0,24	53,9	50,9	3,0	0,21
nov-24	1.995,0	1.888,0	107,0	0,22	275,3	249,9	25,5	0,32	49,8	45,3	4,5	0,32
dez-24	1.533,1	2.082,5	-549,4	-1,15	213,0	272,0	-59,0	-0,74	36,8	43,3	-6,6	-0,46
jan-25	2.302,3	2.156,1	146,2	0,31	308,5	306,3	2,1	0,03	54,4	54,8	-0,4	-0,03
fev-25	2.606,6	2.167,7	438,9	0,93	342,1	300,6	41,6	0,52	60,7	54,2	6,5	0,46
mar-25	2.250,9	2.171,2	79,7	0,17	286,2	297,0	-10,8	-0,13	48,3	50,8	-2,5	-0,17
abr-25	2.282,2	2.024,7	257,5	0,54	314,2	268,6	45,6	0,57	56,2	46,9	9,2	0,65
Acum. do Ano	9.442,0	8.519,7	922,4	1,9	1.251,1	1.172,5	78,6	1,0	219,6	206,8	12,8	0,9
Acum. dos últimos 12 meses	26.084,4	24.443,1	1.641,3	3,5	3.580,1	3.237,8	342,3	4,4	636,0	584,2	51,8	3,7

Fonte: Novo Caged - SEPR/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2024 e 2025. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Em maio de 2025, o comércio exterior brasileiro apresentou desempenho moderado, com sinais que evidenciam desafios estruturais e dinâmicas regionais distintas. A corrente de comércio totalizou US\$ 53,07 bilhões, um crescimento de 1,9% em relação a maio de 2024, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). As exportações somaram US\$ 30,16 bilhões, praticamente estáveis, com uma leve queda de 0,1%, enquanto as importações cresceram 4,7%, atingindo US\$ 22,92 bilhões. Como resultado, o superávit comercial foi de US\$ 7,24 bilhões, representando uma redução de 12,8% frente ao mesmo mês do ano anterior.

O aumento mais acelerado das importações em comparação às exportações reflete a recuperação da demanda interna e a necessidade de recomposição de estoques industriais, especialmente de bens intermediários, indicando o aquecimento da cadeia produtiva nacional. Esse movimento, porém, pressiona a balança comercial e evidencia uma maior dependência de insumos externos.

Entre os principais fatores que impactaram o resultado, destaca-se a desaceleração nas exportações de commodities como soja e minério de ferro, tradicionalmente responsáveis por grande parte das vendas externas do país. Além disso, a queda de 12,9% nas exportações de carne de aves, em razão de restrições sanitárias internacionais devido a surtos de gripe aviária, trouxe impacto negativo para o agronegócio.

No acumulado de janeiro a maio, o saldo comercial brasileiro foi de US\$ 24,43 bilhões, uma queda de 30,6% em comparação ao mesmo período de 2024. As exportações totalizaram US\$ 136,93 bilhões, com leve retração de 0,9%, enquanto as importações cresceram 9,2%, alcançando US\$ 112,49 bilhões. Esse desequilíbrio crescente reflete o aumento da demanda por insumos importados, impulsionado pela necessidade de reabastecimento das cadeias produtivas e pelo ritmo de expansão da indústria nacional.

No Nordeste, o desempenho foi marcado por dificuldades estruturais. As exportações da região recuaram 2,0% em maio, totalizando US\$ 2,01 bilhões. As importações apresentaram queda mais acentuada, de 30,1%, somando US\$ 2,10 bilhões. Apesar da redução nas importações ter contribuído para uma melhora de déficit comercial regional, que ficou em US\$ 90,4 milhões, a corrente de comércio

da região caiu 18,7%, totalizando US\$ 4,11 bilhões. O resultado reflete a baixa diversificação da pauta exportadora nordestina e a elevada dependência de insumos externos.

O Ceará, por sua vez, foi o destaque positivo na região. As exportações estaduais cresceram 176,2% em maio, atingindo US\$ 269,8 milhões. As importações recuaram 1,8%, totalizando US\$ 240,1 milhões. Com isso, a corrente de comércio cearense alcançou US\$ 509,9 milhões, uma expansão de 49%, e o superávit comercial aumentou 120,2%, chegando a US\$ 29,7 milhões.

No acumulado de janeiro a maio, o Ceará exportou US\$ 770,5 milhões, crescimento de 49,3%, e importou US\$ 1,22 bilhão, com leve alta de 0,4%. Apesar da evolução das exportações, o estado manteve déficit comercial de US\$ 451,6 milhões, um aumento de 35,5% em relação ao mesmo período de 2024, evidenciando sua contínua dependência de insumos importados.

O comportamento do comércio exterior brasileiro em maio de 2025 reforça os desafios macroeconômicos relacionados à competitividade internacional, à dependência de commodities e às vulnerabilidades logísticas e desafios geopolíticos.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Maio de 2025	30.156,2	-0,1	22.917,7	4,7	7.238,5	-12,8	53.073,8	1,9
Acumulado do Ano	136.926,8	-0,9	112.494,9	9,2	24.431,9	-30,6	249.421,7	3,4
Acumulado 12 meses	336.280,9	-1,8	272.363,9	12,2	63.917,0	-35,8	608.644,6	4,0
Nordeste								
Maio de 2025	2.012,3	-2,0	2.102,6	-30,1	-90,4	90,5	4.114,9	-18,7
Acumulado do Ano	9.919,5	6,5	11.311,6	-0,9	-1.392,2	33,6	21.231,1	2,4
Acumulado 12 meses	25.778,2	5,4	28.612,0	6,3	-2.833,8	-15,0	54.390,1	5,9
Ceará								
Maio de 2025	269,8	176,2	240,1	-1,8	29,7	120,2	509,9	49,0
Acumulado do Ano	770,5	49,3	1.222,1	0,4	-451,6	35,5	1.992,6	15,0
Acumulado 12 meses	1.723,2	-0,0	3.033,6	-1,2	-1.310,4	2,8	4.756,8	-0,8

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período anterior.

Autores:

Alexandra Carla Elias Oliveira
Alvaro Gustavo Pinheiro Diogenes
Antônio Adelmar Vidal Martins
Antonio Genilson Pereira Lopes
Caio Vinicius de Oliveira E Silva
Cauê Araújo Neira
Daniel Alves De Almeida
Erinaide Leitao Da Cruz
Francisco Wilton Silva de Araújo
Gabriel Allexandre Flores Schmid
Glaubert Alencar Giffony
Guilherme Miranda Soares
Guilherme Vieira de Santana Mota
Gustavo Lopes Brasil da Silveira
Hugo Pereira Neto
Isaiás Willame da Silva Marreiro
Kaio Correia Bezerra
Lucas Maciel Do Nascimento
Lucas Rodrigues Sousa da Silva
Luís Artur Costa Vale
Maria Consuelo Silva de Sousa
María de Fátima de Sousa Carvalho
Orleandro Damasceno Buson Filho
Pedro Alex Braga da Costa
Rafael Pérez de Freitas Filho
Raul Freire Belmino da Costa
Roger Cauã Arrais Silva
Samuel Alesxandro Apolinario Xavier
Sânia da Silva Costa
Tamires Pimentel Torres

